

Eduardo Motta *

As Margens da Ficção¹



Eduardo Motta é Artista visual, pesquisador e escritor radicado em Porto Alegre. Estudou na Universidade Federal de Minas Gerais. Fundou a Radar Consultoria, especializada em projetos criativos, e trabalha com as relações entre arte e áreas criativas, aplicadas ao mercado. Opera com direção de arte, edição de moda e projetos culturais nacionais e internacionais. É autor dos livros *O Calçado e a Moda no Brasil | Um olhar histórico*, Porto Alegre, 2005. *O Lugar Maldito da Aparência*, Editora Estação das Letras e Cores, São Paulo, 2013. *Meu Coração Coroado: Mestre Espedito Seleiro*, Editora Senac, Fortaleza, 2016 e *Alfaiatarias*, Editora Senac, Fortaleza, 2017.

<eduardomotta@radarconsultoria.com >

ORCID: 0000-0002-0310-7482

Resumo Recorrendo a diferentes gêneros literários, o texto estabelece conexões entre modos de vida e instrumentalização dos processos criativos nos ambientes corporativos e educacionais contemporâneos. Com a moda como referência, investiga a desafecção como um sintoma de alienação do indivíduo à sombra de fontes híbridas e informais do ambiente digital, em correspondência teórica com aspectos da crítica à razão instrumental de Adorno e Horkheimer.

Palavras chave Ficção, Razão Instrumental, Desafecção, Moda.

The margins of Fiction

Abstract Referring to different literary genres, the text establishes connections between lifestyles and the instrumentalization of creative processes in the contemporary corporate and educational environments. Having fashion as a reference, it investigates disaffection as a symptom of alienation of the individual in the shadow of hybrid and informal sources of the digital environment, and in theoretical correspondence with aspects of the criticism of instrumental reason by Adorno and Horkheimer.

Keywords Fiction, Instrumental Reason, Disaffection, Fashion.

Los márgenes de la Ficción

Resumen Recurriéndose a diferentes géneros literarios, en este texto se establecen conexiones entre modos de vida y la instrumentalización de los procesos creativos en los ambientes corporativos y educativos contemporáneos. Tomándose la moda como referencia, se investiga la desafección como un síntoma de alienación del individuo a la sombra de fuentes híbridas e informales del ambiente digital y en correspondencia teórica con aspectos de la crítica a la razón instrumental de Adorno y Horkheimer.

Palabras clave Ficción, Razón Instrumental, Desafección, Moda.

Introdução

O programa que o princípio do prazer nos impõe, o de sermos felizes, não é realizável, mas não nos é permitido – ou melhor, não nos é possível – renunciar aos esforços de tentar realizá-lo de alguma maneira (FREUD, 2010, p. 76)

Ruge

Na metade da década de 2060, o mundo como a gente conhece não existe mais. Dissolveu-se em calor e queima com igual intensidade em direção aos polos. As nações que conhecemos também deixaram de existir e os Tutores proclamam que é preciso evitar os mares.

Há muito, já não se dividem as Américas, fala-se de apenas de uma, vagamente identificada pelos mais jovens. Atribui-se a uma série de fatores o fenômeno que empurrou as populações estadunidenses para as Costas Leste e Oeste, e ninguém sabe ao certo o que houve ao centro. Afirma-se que milícias patrulham ferozmente o território e que nem vale a pena se aventurar por lá.

A linha de resistência que marca a divisão com o que foi o Canadá, formada no recuo das tropas, se espicha como uma ideia ruim entre Vancouver e Toronto. Avançava até Quebec, mas rompeu-se acima do Lago Huron e multidões entram no Território de Cima pela Passagem. Ao que consta, atrás da barreira, só há mais desolação.

Muitos fugiram para o que antes era o México, uma vastidão de adensamentos populacionais empoeirados, em torno da antiga Ciudad Juarez e de Chihuahua, que mergulha ao Sul como um formigueiro estendendo-se às Zonas Reunidas de Guadalajara e Cidade do México. Dali por diante, a geografia afunila e os relatos são de territórios violentos defendidos por milícias privadas, entrecortados por raros trechos de floresta na Costa Rica. Os adensamentos, dizem, espalham-se também a Sudeste, engolindo Houston e Nova Orleans até onde antes havia Tallahassee e Miami.

Mais abaixo, o quadro não é diferente. A devastação irradiou-se a partir da Amazônia Global nos anos 2040. Hordas de antigos funcionários de governos, mineradores, madeireiros e grileiros, de todas as nacionalidades, ainda retornam da terra desertificada espalhando-se além das fronteiras desfeitas da Venezuela e da Colômbia pelo Brasil adentro e abaixo em busca da água que sumiu dos rios e que os picos andinos não podem mais prover.

Da Europa, diz-se que teve um destino ainda pior. Dos que restam por lá, ninguém oferece resistência à pilhagem internacional. Suspeita-se que a decisão de zerar os nascimentos, tomada no Congresso Transeuropeu de 39, tenha sido o primeiro ato de indução química de comportamento em massa que se tem notícia.

A Índia sucumbiu aos agrotóxicos, o Japão e a República Unificada da Coreia foram vitimados pela Terceira Bomba. A África, que viveu a Era de Ouro nos anos 2040, impulsionada pelo dinheiro chinês, desabou no início dos anos 2050 arrastando junto os países árabes do Norte. Pouca sociedade organizada restou naquela parte do mundo.

Com exceção de tsunamis, incêndios perenes e *bunkers* que afirmam existir na Zelândia, são escassas as notícias que chegam da Oceania. Mais acima e há duas décadas, a Ásia vive as Medidas Extremas.

Mal tolerados pela China, os iranianos abandonaram seu território após a Invasão e grudaram-se a trechos da Rota da Seda. Sobrevivem cobrando pedágio e morrem na defesa do privilégio. Rússia e China são as únicas nações que preservam algo da antiga ordem mundial. Na maltratada região, a China Expandida é responsável por manter o que resta, deslocando drones de dispersão sonora para debelar os levantes. Mas até os governos centrais destes países obedecem às Sete Corporações.

Deduz-se que há empresas especializadas em construir *cores*, ou *nucleas*, como também são chamadas as míticas células fortificadas de luxo em lugares remotos. O que se tem como certo é que existem duas Madres provedoras de *tech* e cinco outras corporações divididas entre químicos, alimentos, impressão dimensional e trajés integrados. Foram elas que programaram os *resets* de redução populacional. O silêncio que se instalava no planeta após cada descarga, dizem, percebia-se até nas estações espaciais distantes. O trauma do Grande Sacrifício foi eliminado com a distribuição global do Pax, um antidepressivo volátil de patente aberta, confirmando que havia empresas invisíveis operando sob controle das 7 Corporações.

Quase um biênio depois do início dos *resets*, o problema do lixo mortuário foi resolvido e as *techs* englobam o sistema financeiro e a Preparação, que é como hoje é chamada a antiga Educação. As condições estão favoráveis para a retomada dos negócios e atribui-se aos *resets* o fim das guerras de fronteira, guerra é o que trava na disputa pela conversão de seguidores no Campo dos Sinais. Caso sobreviva, o recém-convertido recebe o fluxo da rede, o traje, a dieta e a cota de *draggies* provida pela nova Madre.

O código de aparência é duramente controlado, é ele que identifica a filiação. A cartela de cores é reduzida e o traje embute os receptores de fluxos da rede e os medidores de desempenho que permitem que cada Madre feche acordos de parceria com outras corporações. Os trajés integrados têm valor alto e são controlados pelos Agenciadores da Conversão.

Apesar da vigilância, as conversões acontecem todo o tempo. Quando o Rebelde se instala no outro traje e se conecta com o fluxo da nova Madre, cessa a perseguição, pois, na hora em que um Filho migra, migra inteiramente. O perigo é ser pego no processo.

Além dos conflitos inevitáveis, que devem ser travados com as mílias, é baixa a predisposição para se envolver em confusões. A conversão é a experiência máxima, uma aventura libidinal que satisfaz o desejo por atividade e sublevação.

Com a migração de Madre, o convertido troca de aparência e experimenta o Propósito. Há quem tenha realizado múltiplas conversões. Há quem tenha se cansado delas. Ruge encaixa-se no segundo caso. Ela é excepcionalmente magra e preta, o que, segundo ela mesma, explica porque permanece viva aos 36 quando a expectativa de vida de uma *doeg* é de trinta anos. “É difícil me acertar durante o dia e à noite”, ela diz, referindo-se às gangues que ainda atiram em mulheres nas ruas em 2066.

Entre as *doegs*, ela tem prestígio por conhecer livros proibidos, por ter se convertido várias vezes com sucesso e por fazer roupa fora dos codes, o que é duplamente punido. Ruge recorta o que encontra pela frente e remonta, algo que não se tem notícia que alguém mais tenha coragem de fazer.

Durante muito tempo, ela trancou-se na sua *bubble* e vestiu-se sozinha, depois, exibiu-se para outras *doegs*. Não demorou para que um grupo se reunisse em pequenos *metz* clandestinos nas *franjaes*, a Leste da cidade, para ler filósofos do passado e experimentar roupas sem utilidade nenhuma.

A insurgência tomou proporções inesperadas. Outras *bubbles* surgiram e não demorou para que, na *webflow*, surgissem holos de grupos semelhantes vindos de outros lugares.

A História, conforme é anunciado nos canais da Preparação – que Ruge ainda conecta quando está entediada –, não existe. E a Ficção, essa ainda nem começou.

Breve ideário da desafecção

Em 2013, a agência brasileira Box 1824, em parceria com grupo de previsão de tendências com sede em Nova Iorque, K Hole, anunciou a identificação de um novo comportamento jovem abordado como *normcore*. A parte inicial do citado material de divulgação é dedicada a caracterizar uma excessiva fixação geracional na originalidade para, em seguida, justificar o *normcore* como alternativa a essa condição. Intitulado *Youth mode - Um estudo sobre liberdade*, o texto inclui afirmações como essa: "A juventude entende que toda liberdade tem limites e que ser adaptável é a única forma de ser livre" (YOUTH..., 2013).

Normcore: moda para aqueles que percebem que são um em 7 bilhões, artigo publicado por F. Duncan, em fevereiro de 2014, descreve *normcore* como uma atitude que abraça “a mesmice deliberadamente como uma nova maneira de ser *cool*, ao invés de se esforçar pela “diferença” ou pela “autenticidade”. (sic) O estilo seria tão banal que era difícil descrevê-lo. “Você reconhece quando vê.” Este artigo trouxe grande visibilidade ao assunto no circuito digital de notícias de moda.

Retrospectivamente, é importante registrar o espaço dado pela comunidade e pela mídia da moda a algo que, aparentemente, contrariava a lógica que alimenta a experiência e a estrutura financeira do setor, e que, de alguma forma, opunha-se também à noção de juventude forjada desde a segunda metade do século XX. Originalidade, criação, singularidade, incon-

formismo, tudo isso era substituído sem reservas pelo seu oposto, enquanto canais de divulgação celebravam objetos esvaziados do valor conferido pela dimensão simbólica da diferenciação. As roupas seriam, então, acolhidas pela sua capacidade de produzir indiferença.

Em março de 2014, Katherine Mavridis abordou o assunto em outro tom considerando a possibilidade de que o *normcore* representasse uma reação à velocidade de consumo: “Isso pode estar ligado à mensagem subjacente de que os consumidores *normcore* estão fartos do mundo acelerado que a Internet criou e se cansaram da corrida constante pelo novo, único e inovador” (MAVRIDIS, 2014).

Trazer o não gosto para o centro da arena do comportamento de consumo de moda, sob o impulso da repercussão no ambiente digital do período, trouxe vantagens para determinadas corporações do mercado. Legitimar a falta de interesse por diferenciação como algo “cool” e “jovem” induziu a comercialização de modelos tecnicamente semelhantes favorecendo as corporações de produção e venda em larga escala.

Mediante um artifício de inversão de significados e expectativas, criado por enunciados e imagens que embaralham os referentes associados à roupa banal, vestidos retos, camisetas, calças jeans de cinco bolsos, agasalhos de moletom, camisas de botão e tênis foram deslocados para o lugar dos objetos excepcionais.

Movimento que cooptou uma parcela de público resistente ao consumo de moda e reeducou outra para o consumo de básicos investidos de um novo valor, o *normcore* operou, planejadamente ou não, como uma estratégia de valorização de commodities de moda. Considerar que ele tenha sido gestado ou potencializado por cadeias de *fast fashion* e por gigantes de outras áreas que ensaiavam sua entrada no setor, como veio a acontecer com a *Amazon*², não é suposição que escape ao razoável; tampouco uma construção ficcional inverossímil.

Se tomado dessa maneira, o atrelamento do *normcore* ao cânone industrial, hoje, emite sinais de algo ultrapassado. Caminhamos para um nível de automação sem precedentes e, considerando que a tecnologia aparentemente pode resolver a questão da produção diferenciada, celebrar a conformidade na moda já não interessa como solução de um problema produtivo. A diferenciação pode ser desenhada por algoritmos e a roupa fora dos padrões impressa em 3D ou produzida em baixos volumes pela Economia Criativa³, pelo menos enquanto esta não representar ameaça para a capacidade produtiva hegemônica.

De toda forma, a ideia foi testada e a mensagem ainda é transmitida: a individuação, com tudo que ela afeta, o gosto, a idiossincrasia, a subjetividade, e a construção de uma poética, nada disso é imprescindível para o sistema da moda funcionar.

EdTechs

As normas e padrões da 'boa escola' não são mais definidos nacionalmente, mas globalmente pelas principais organizações econômicas e financeiras internacionais como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial (BM), a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), União Europeia (EU), etc. (LAVAL, 2004, p. 1033).

A moda já foi mais implicada com as questões relativas à criação e com a dimensão simbólica da autoexpressão e dos sistemas de linguagem. Não apenas na sua face visível, a de objetos significantes transitando em interações públicas, mas nos seus meandros, nos seus estágios de elaboração.

Internamente, hoje, nos ambientes corporativos nos quais ela é gestada, em grande parte, a dimensão criativa foi colonizada e instrumentalizada, o talento individual desautorizado e associado ao passado. As metodologias de gestão de grupos floresceram contagiando o sistema educacional e a percepção geracional foi moldada por uma perspectiva impessoal dos processos. Os possíveis enunciados semiológicos das roupas estão armazenados, descritos, catalogados e disponíveis para uso dos grupos de desenvolvimento de produtos e pelos departamentos de marketing. Finalmente, a estratégia organizacional das ações tomou a forma de equipes em que as capacidades individuais são coletadas mediante técnicas de geração de *insights* abordadas como *processos colaborativos*.

Negócios menores e inovadores foram conduzidos ao nicho da Economia Criativa, parte deles entregues exclusivamente à capacidade de investimento individual ou precarizados por políticas inadequadas. Parte é impulsionada por um sistema global de investimentos interessado em manter a imprecisão da experimentação e as implicações legais do trabalho distantes da planilha de custos e de responsabilidades. Para alinhar a sociedade com este projeto, está em curso a implantação de uma educação condizente com os preceitos do livre mercado.

Em 2003, Christian Laval anotou que “Esse modelo, ao menos quando exposto explicitamente, continua a ser recusado por numerosas pessoas refratárias à nova ideologia” (LAVAL, 2003, p. 15). Em 2021, a adaptação da educação a conteúdos compatíveis com os princípios de concorrência generalizada – e da criatividade instrumentalizada – ganhou espaço como orientação dominante e nos afasta rapidamente da educação humanista e integrada que conhecemos desde o Iluminismo.

O projeto é, em grande parte, viabilizado pelas *EdTechs*, empresas que incorporam tecnologias da informação e comunicação na educação. Uma extensa lista de motivos, intrínsecos a questões de emissão e recepção de conteúdos, legitimam o interesse nas tecnologias educacionais. Em outra chave, o mesmo interesse reflete o pensamento político de governos que enxergam nelas a solução para se ausentar das responsabilidades com

os custos do ensino e de favorecer a exploração da educação como produto automatizado, entregue no formato mercadoria pela iniciativa privada.

Em *O Mal-estar na cultura*, enquanto encaminha sua retórica para localizar na psique o território chave de toda mudança, Freud concede à técnica e ao controle da natureza um papel na aventura de evitar o sofrimento e construir o humano: “[...] atacar a natureza e submetê-la à vontade humana com a ajuda da técnica guiada pela ciência. Assim se trabalha com todos para a felicidade de todos” (FREUD, 2010, p. 65).

A ideia de que a tecnologia é uma espécie de panaceia universal era vigente na época e é vigente hoje. Aperfeiçoamos tecnologias para obter resultados melhores desde quando começamos a afiar pedras e a pintar em cavernas. Não há nada de novo nem constitui um problema que a educação e os negócios também o façam, as perguntas que devem ser feitas são aquelas disseminadas na obra dos filósofos e sociólogos alemães Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973), desde os anos 1930, particularmente na crítica à instrumentalização da razão e à consequente alienação do indivíduo: a que projeto de sociedade essas tecnologias servem? Quem tem o controle delas? Quem serão os favorecidos pelos resultados? “A distância do sujeito com relação ao objecto, que é o pressuposto da abstracção, está fundada na distância em relação à coisa, que o senhor conquista através do dominado” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 10).

Tantos anos depois, o “senhor” mencionado pelos autores pressupõe uma representação ainda mais difusa, mas a relação de poder sobreviveu e um dos grandes feitos do projeto neoliberal é cooptar a imaginação e a benevolência dos prejudicados por ele. Aquele que celebra a máquina que produz um milhão de *t-shirts* em um dia, ou imprime uma roupa em cinco minutos, muitas vezes, é a personagem que será varrida da cena por essas inovações. Conduzido a este paradoxo essencial, já não existe a possibilidade de que este indivíduo performe a própria história. Não por uma restrição objetiva, mas pela adesão à opacidade do que o inviabiliza como sujeito capaz de se perguntar sobre sua própria constituição, em relação ao tempo histórico em que vive. E quando não há sujeitos dotados dessa qualidade – nem responsáveis, como é implicado neste projeto – é legítimo considerar que alguma coisa deve estar fora da ordem.

Habermas ataca duramente a crítica da razão instrumental dos autores da Escola de Frankfurt⁴, que ele avalia como resultado de uma suspeita radical dirigida à razão afirmando que: “[...] concorda com a crítica da razão instrumental apenas em suas intenções e no uso irônico da palavra razão” (HABERMAS, 1987, p. 391).

Mesmo a contraposição de Habermas (1987), que se estende de maneira aprofundada ao desenvolver a tese da razão comunicativa, não invalida essa instrumentalização nos termos em que ela é abordada aqui, como uma concepção funcionalizada de mundo que pressupõe as faculdades sensíveis desvinculadas de um sujeito crítico. Ilusão especialmente aguda nos processos que envolvem a educação reverberando como técnicas processuais sobre atividades relacionadas à criatividade.

Nessa concepção de mundo, em que o sujeito crítico é avaliado como caro e falho, o substituto oferecido pelo Neoliberalismo é o indivíduo formatado pela ideia de autorresponsabilidade. Não importa se os aportes que ele traz sejam coletivizados, diante de toda instabilidade emocional, social, ou conjuntural, cabe somente a ele lidar com a situação e manter-se engajado na construção de habilidades para sobreviver.

Nas aulas que resultaram no livro *Nascimento da biopolítica*, Foucault (2008) já identificava a guinada dos investimentos educacionais na direção do indivíduo como empreendedor de si mesmo: “Formar capital humano, formar portanto essas espécies de competência-máquina que vão produzir renda, ou melhor, que vão ser remuneradas por renda, quer dizer o quê? Quer dizer, é claro, fazer o que se chama de investimentos educacionais” (FOUCAULT, 2008, p. 315).

A hierarquia das emergências

[...] éramos capazes de falar de tudo, misturando coisas verdadeiras com coisas imaginárias, até a conversa inteira se impregnar de uma espécie de independência aérea, desprendendo-se de nós a ponto de flutuar pelos cômodos como um pássaro bizarro. (BLECHER, 2013, p. 82)

No início da década de 2020, o mundo como conhecemos não existe mais. Reféns da imobilidade imposta pela pandemia global, observamos a grande tela dos acontecimentos de um ponto excepcionalmente fixo. Contudo, nem o tempo nem o espaço são os mesmos quando intermediados por registros virtuais. A duração da série, o lugar imaginado, a praia imensa que se estende no visor mínimo do dispositivo móvel, a morte de alguém, o movimento que outros executam, os cheiros e o tato das coisas, tudo que está na tela, não é lugar, é uma atopia, não é tempo, é acronia, uma espécie de metacinesia sem fim. A condição favorece a ilusão de que os acontecimentos prescindem de nós, embora alguns deles nos afetem como bordoadas.

Há quem diga que não vivemos só de sensações, tempos e lugares simulados e, sim, vividos, que há uma correlação direta entre essa condição e nossos piores sintomas, e que, quando algo inconcebível como a indiferença se torna real, deveríamos ser heroicos, mas a vida não colabora e lá vamos nós lavar a louça e pagar boleto antes de conjugar cotidiano e revolta.

Sabe-se, em tempos como este, em que tudo que não é oposição à indignidade reinante, parece anacrônico e fora de lugar, que o desafio não se resume a tentar mudar a *irrealidade imediata*. Que tempos como este colonizam também as possibilidades de futuro, educam-nos para a conformidade e nos fazem estrangeiros diante da própria identidade. Entende-se que outro efeito dessa vida sitiada, esvaziada dos afetos e refém da má-fé política, é que poucos assuntos sobrevivem à hierarquia das emergências

e que, neste terrível ano de 2020, a moda, com certeza, não foi um deles e morreu, mais uma vez, de irrelevância. Afinal de contas, o que pode um vestido diante da monumental Ignorância?

Considera-se que, pelo menos em parte, a pergunta foi respondida pelo modelo usado por Lady Gaga na cerimônia de posse do 46º presidente dos Estados Unidos, Joseph Robinette Biden Jr. Ele investido da missão de reafirmar a civilização, ela, de acenar com a viabilidade de um mundo inclusivo, permeável a diferenças, à arte e à moda por meio de um sistema de objetos e sinais: o vestido, a cor, o broche e o penteado acenando com um outro modo de viver.

A figura meticulosamente arranjada da cantora no balcão do Capitólio representaria a promessa de uma sociedade emancipada – que ninguém deseja tomar como improvável –, de um *grand finale* redentor para a sequência de imagens de políticos vociferantes, de covas enfileiradas e de gente implorando para respirar.

Comenta-se, com razão, que, diante dessa qualidade de imagens, se coloca a impossibilidade de uma palavra final, que há uma roupa a ser inventada para que cada tempo histórico seja o que deve ser, e que foi assim que a moda deixou o último lugar da lista de prioridades e reapareceu à luz do sol e das câmeras no começo do ano de 2021.

Para dar algum crédito a parábolas de redenção dos objetos que vestimos, e de todos os outros que consumimos, é melhor ficarmos vigilantes, como adverte Bourriaud (2009, p. 147), "[...] disponíveis para o que acontece no presente, que sempre ultrapassa *a priori* nossas faculdades de entendimento". Também se recomenda que, no desenrolar do Espetáculo, deve-se se certificar se é mesmo verdade que a História não existe e que a Ficção ainda não começou.

1 O título deste texto foi tirado do livro homônimo de Jacques Rancière

2 Amazon.com, Inc. é uma das cinco grandes empresas de tecnologia. Multinacional de tecnologia norte-americana, tem sede em Seattle, Washington. Concentra-se no e-commerce, computação em nuvem, streaming e inteligência artificial. www.amazon.com

3 Economia criativa é o conjunto de negócios baseados no capital intelectual e cultural e na criatividade que gera valor econômico. Abrange a criação, a produção e a distribuição de bens e serviços que usam criatividade, cultura e capital intelectual como insumos primários. (PORTAL SEBRAE). No Brasil existe o Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações, lançado pelo extinto Ministério da Cultura, em 2011, durante o governo da Presidenta Dilma Rousseff.

4 A Escola de Frankfurt surgiu no início do século XX, na Alemanha, formada por pensadores marxistas do Instituto para Pesquisa Social, vinculado à Universidade de Frankfurt. Segundo Freitag (1994, p. 65-66), "Provavelmente a teoria crítica da Escola de Frankfurt tornou-se mais conhecida no mundo inteiro pela sua crítica à cultura de massa que pelos seus demais trabalhos em outros campos do saber, como a filosofia, a sociologia, a crítica literária, a teoria do conhecimento, etc. O conceito de "indústria cultural", divulgado por Adorno e Horkheimer em *A Dialética do Esclarecimento* (1947), já faz parte integrante do conceitual das ciências sociais e da comunicação, onde tem encontrado ampla aplicação.

Referências

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- BLECHER, M. *Acontecimentos na realidade imediata*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- BOURRIAUD, N. *Estética Relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- DUNCAN, F. Normcore: fashion for those who realize they're one in 7 billion. In: *The Cut*, 2014. <https://www.thecut.com/2014/02/normcore-fashion-trend.html> Acesso em: 01 fev. 2021.
- FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FREITAG, B. *A Teoria Crítica: ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- FREUD, S. *O mal-estar na cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 2010.
- HABERMAS, J. *The theory of communicative action*. Boston: Beacon Press Books, 1987. v. 1: *Lifeworld and system: a critique of functionalist reason*.
- HORKHEIMER, M. *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro, 2002.
- LAVAL, C. *A Escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público*. Londrina: Planta, 2004.
- LAVAL, C. Para a crítica da educação neoliberal. [Entrevista cedida a] Catarina de Roig Catini. *ETD: Educação Temática Digital*, Campinas, v. 22, n. 4, p. 2031-1040, out./dez. 2020. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8658365/23184> Acesso em: 12 fev. 2021.
- MAVRIDIS, K. Normcore: a recent online media discussion phenomenon. In: *FASHION Culture Parsons*, [s. l.], 06 mar. 2014. Disponível em: <https://fashionculturesparsons.wordpress.com/2014/03/06/normcore-a-recent-online-media-discussion-phenomenon/> Acesso em: 18 fev. 2021.
- PORTAL SEBRAE. Disponível em <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae> Acesso em: 18 fev. 2021.
- RANCIÈRE, J. *As margens da ficção*. Lisboa: KKYM, 2019.
- YOUTH mode. Um estudo sobre liberdade. In: *BOX 1824*, 2013. <https://medium.com/@box1824/youth-mode-d0466e1be491> Acesso em: 26 fev. 2021.

Recebido: 15 de fevereiro de 2021.

Aprovado: 05 de março de 2021.